

SESSÕES DO PLENÁRIO

49ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 14 de setembro de 2017.

PRESIDENTE: DEPUTADO GIKA LOPES (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em comemoração aos 50 anos do Movimento de Organização Comunitária, MOC, proposta pelo deputado Gika Lopes e a companheira Fátima Nunes.

Convido para compor a Mesa a Srª Deputada e colega Neusa Cadore, o vice-prefeito da cidade de Nova Soure, Marcos Ureilton, representando a nossa deputada Fátima Nunes; a Srª Representante da Defensoria Pública, Bianca Sampaio, representando o Sr. Defensor Público Geral Clériston Macêdo; o Sr. Chefe da assessoria do Sr. Governador, companheiro e ex-prefeito de Serrinha Osni Cardoso; a Srª Representante do MOC, Célia Santos Firmo; a Srª Representante do Fórum Baiano de Agricultura Familiar, Elisângela Santos Araújo; a Srª Representante do ASA/BA, Cleusa Alves da Silva; a Srª Representante do Fórum Baiano de Economia Solidária, Elineide Alves Cordeiro Carneiro; a Srª Representante da Rede de Educação do Semiárido Brasileiro, a Resab, Luzineide Dourado Carvalho; o Sr. Representante do Programa Água, Produção de Alimentos e Agroecologia (PAPAA), o agricultor familiar da região de Riachão de Jacuípe Eduardo Emídio dos Santos; o Sr. Representante do Programa de Comunicação, Pcom, Cristiano da Cunha Santos, da cidade de Araci; a Srª Jonalice de Santana Santos, representante do Programa de Fortalecimento de Empreendimentos Econômicos e Solidários, PFEES, da cidade de Riachão do Jacuípe; a Srª Lídia Maria Araújo Lima, representante do Programa de Gênero, Pegen, da cidade de Araci. (Palmas)

Neste momento, ouviremos o Hino Nacional.

(Execução do Hino Nacional.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Solicito à deputada Neusa Cadore para ficar em meu lugar enquanto faço uso da palavra.

A Srª PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Concedo a palavra ao deputado Gika Lopes.

O Sr. GIKA LOPES:- (Lê) “Boa tarde a todas e todos, em nome da companheira deputada estadual Fátima Nunes, também proponente desta sessão, que não pode estar presente nesse momento porque está acompanhando o nosso governador na sua região, saúdo a todas as mulheres de luta presentes nesse Plenário e também a todos que nos assistem pela *TV Assembleia* e pelo *Facebook*. Em nome

do presidente do MOC, José Jerônimo de Moraes, cumprimento a toda a equipe do MOC que vem semeando cidadania no semiárido baiano. Estendo meus agradecimentos a toda a Mesa, e todas as pessoas que vieram prestigiar este evento, principalmente as famílias que tiveram suas vidas transformadas pelo MOC.

O nosso objetivo com esta homenagem de 50 anos do Movimento de Organização Comunitária, MOC, é além de parabenizar esse movimento, apresentar a população baiana seu importante trabalho em defesa de uma vida digna e de oportunidades para os homens e as mulheres do campo e da cidade.

O meu mandato tem o MOC como referência de atuação, acreditamos ser muito importante promover o fortalecimento das associações, das cooperativas e dos pequenos produtores.

Com dedicação, formação e luta, é possível promover o protagonismo dessas famílias na luta pelos seus direitos.”

Esta sessão de hoje é para comemorar os 50 anos do MOC. Vemos que o nosso governador Rui Costa é um cidadão que está presente em todas as comunidades. Sabemos que ele é o governador correria, corre atrás do que vai fazer em benefício para do nosso povo da zona rural. E é importante termos um governador comprometido.

Temos que estar atentos para o semiárido que é sofredor. E é importante termos um órgão como o MOC que não visa lucros e, sim, dar ajuda àquele povo menos favorecido e a todos que fazem com que o alimento chegue à mesa das nossas famílias.

Como sou subcoordenador da Comissão de Agricultura Familiar, vejo aqui todos que têm compromisso, como eu tenho esse compromisso. O meu mandato está à disposição de todas essas pessoas que têm necessidade na questão do bem-estar das famílias, do pessoal da zona rural. Estou aqui para dar uma assistência, para estar na zona rural vendo de que forma podemos ajudar juntamente com o governador.

Então é isso aí. Temos, hoje, pessoas que vão dar o seu depoimento sobre o MOC.

Fico agradecido e satisfeito e agradeço a todos por estarem aqui juntos conosco para fazermos essa homenagem dos 50 anos do MOC.

Vamos à luta! Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika):- Convidamos para compor a Mesa a Sr^a Fabiane Pinto Oliveira, representante do Peconte – Programa de Educação do Campo, do MOC. (Palmas)

Concedo a palavra ao nosso amigo, vice-prefeito da cidade de Nova Soure, Marcos Ureilton.

O Sr. MARCOS UREILTON:- Srs. Deputados, Sr^{as} Deputadas, senhoras e senhores, amigos aqui presentes, no dia de hoje, estamos aqui para falar e colocar os desafios que estão postos para a sociedade civil, haja vista que comemoramos e

celebramos os 50 anos de história do Movimento de Organização Comunitária, o nosso MOC. Em atendimento a uma chamada, conforme disse o nosso presidente da Mesa nesta tarde, nosso amigo Gika, a deputada Fátima Nunes se faz ausente por conta de estar cumprindo uma agenda na cidade de Jeremoabo, cidade na qual ela também tem atuação política. Como ela tem medo de andar de avião, ficou com receio de não chegar no horário. A cidade de Jeremoabo tem uma série de entregas de implementos por parte do governador e da deputada, devido a sua atuação. Sendo, também, uma região na qual ela atua no Semiárido Nordeste II.

Portanto, no dia de hoje, ela me deu esta incumbência, que não é coisa fácil, mas, aproveitando a oportunidade para representá-la, quero fazer a leitura do que ela nos solicitou. Neste momento, com esta leitura, ela revela aonde se faz presente nesta celebração desta sessão especial solicitada pelo deputado estadual Gika Lopes e por ela, Fátima Nunes.

(Lê) “Quero falar da nossa alegria em comemorarmos este grandioso momento, pois 50 anos não são 50 dias. Aqui celebramos vários sonhos e desafios que atravessamos, com as muitas conquistas que melhoraram a vida das pessoas, principalmente daquelas que ao longo da história ficaram à margem das oportunidades da vida social e política.

Quero parabenizar a todos que tiveram a iniciativa de, mesmo nos anos ainda de resquícios da ditadura, organizaram uma instituição forte e de participação do semiárido, iniciando por Valente, Teofilândia, Feira de Santana, Serrinha, bem no coração do sertão, que naquela época era esquecido e abandonado de qualquer política pública desenvolvida pelos governantes da época. Foram eles, os homens e as mulheres, que acreditando que era possível fazer um Brasil descente, diferente e de oportunidades, constituíram esse grande movimento de organização comunitária, de promoção social, de reivindicação, de luta, e que nos longos anos de existência sempre procuraram e fizeram junto com seu povo uma grande transformação social. Hoje nós temos pessoas que têm moradia digna, água na torneira e na cisterna, estradas melhores, preços justos para compra e venda dos seus produtos, que organizam a sua produção através da economia solidária. Foram graças a essas pessoas, jovens, mulheres e outros mais vividos, que tiveram coragem para acreditar nessa proposta. Na época, me lembro bem do companheiro Albertino e, seguidamente, de muitas mulheres que o acompanhou. Hoje, nós temos o grande representante, inclusive nacional e internacional, na ASA, o companheiro Neidson Quintela.

Não podemos deixar de lembrar também, que foi no governo dos presidentes Lula e Dilma que várias políticas sociais foram criadas como forma alternativa para o semiárido, a exemplo do Programa de Um Milhão de Cisternas, agricultura familiar, o empoderamento da mulher, entre outros benefícios para a sociedade.

Sei que as minhas palavras são poucas para contar essa longa história de 50 anos, mas nelas estão presentes os rostos, as marcas nas mãos, as mentes e o coração desse povo nordestino, sonhador e lutador, que transformaram a vida de homens e mulheres para uma vida digna.

Lembro-me muitas vezes dos abaixo-assinados, da luta da previdência social, da luta pela condição do povo que trabalhava no sisal e se acidentava, perdendo mãos e braços, e o MOC esteve sempre presente, acompanhando essa caminhada por justiça e direitos no trabalho.

São várias as histórias, são muitas as conquistas! Um dia é muito pouco para celebrar. Portanto, nesse momento de desafio, de tumulto no País, continuaremos sempre unidos, fortes e organizados, lutando pela democracia, contra o golpismo, para que o nosso Brasil possa voltar a ter a oportunidade de continuar crescendo e se desenvolvendo, incluindo aqueles que ao longo da história sempre foram deixados à margem: os negros, pobres, índios, jovens e mulheres.

Vamos à luta, junto com o MOC, fazer um país justo, descente e democrático. Parabéns a todos e todas! Vamos à luta! Fora Temer! Muito obrigado!”

Uma saudação a toda a Mesa.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Convido para compor a Mesa o Sr. Presidente do MOC, José Gerônimo.

Assistiremos à apresentação do jingle dos 50 anos do MOC.

(Apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Peço a todos que farão o uso da palavra na tribuna a utilização de, apenas, 5 minutos, pois, aqui, nós temos horário a cumprir. Por favor, peço o uso de 5 minutos de cada um no tempo da sua fala.

Convido, para fazer o uso da palavra, a Sr^a Célia Santos Firmo. (Palmas)

A Sr^a CÉLIA SANTOS FIRMO:- Boa tarde, gente.

É uma grande honra estarmos aqui. Nós costumamos falar que fazemos parte da família MOC. Por isso, repito, é uma grande honra estarmos aqui.

A gente não poderia falar sem iniciar o agradecimento aos deputados.

Em primeiro lugar, a gente agradece ao deputado Gika Lopes, pois ele foi o primeiro deputado, junto com a sua assessoria, a comparecer à inauguração da nossa Caravana MOC 50 Anos, realizada em março, já entrando em contato para fazer esta sessão especial para homenagear o evento. A gente quer agradecer ao deputado Gika por este reconhecimento.

Também, a gente quer agradecer às duas bravas deputadas que, sempre, estão juntas conosco em todos os momentos. As duas, para nós, são mais do que deputadas, porque são, também, amigas, irmãs e companheiras. São elas as deputadas Fátima e Neusa Cadore. Infelizmente, a deputada Fátima não se encontra presente, mas está representada pelo companheiro Marcos.

As duas, também, quiseram fazer esta sessão especial. Aqui, está se falando que a iniciativa desta sessão especial se deve aos deputados Gika e Fátima. Mas a deputada Neusa, também, pensou e quis fazer esta sessão especial em homenagem ao MOC.

Aos três, envio o nosso sincero agradecimento por este momento e por este reconhecimento.

É importante aproveitar este momento para dizer por que o MOC existe.

Quero saudar, com muita emoção, as famílias que o MOC acompanha, pois são parceiras e fazem parte também desta grande história. Saúdo todas as famílias de agricultores do semiárido baiano onde o MOC atua em nome de Jonalice e Eduardo.

Quero, também, neste momento, saudar as entidades parceiras. O MOC não seria MOC se, em toda essa história, a gente não tivesse uma atuação muito forte com as entidades e com as organizações da sociedade civil. Muitas entidades nascem a partir do trabalho do MOC. Honrosamente, muitas entidades chamam o MOC como a instituição-mãe.

E, aqui, em nome de todas as entidades parceiras, eu quero saudar todas as unidades da Apaeb (Associação de Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira). Todas elas estão presentes neste momento. As Apaeb's são uma representação dessas entidades que compõem a história do MOC e compõem o conjunto de organizações que nascem do trabalho do MOC. Hoje, elas têm vida própria e andam com as suas próprias pernas.

Quero saudar, também, a equipe do MOC. Esta é uma equipe aguerrida e não mede esforços para labutar, pois tem, no MOC, muito mais do que uma instituição onde trabalha. É uma equipe que tem no MOC como um projeto de vida. É uma equipe que tem no MOC como a experiência do exercício da cidadania. É uma equipe que tem no MOC como um espaço de militância, como um espaço que aprendeu a ser gente, e que aprendeu a ser gente ajudando outras pessoas a se sentirem gente.

Então, em nome da equipe do MOC, eu quero saudar a professora Francisca Carneiro por ser uma representação desta equipe do MOC. E, em nome dela, estendo, também, esta homenagem ao seu companheiro, que é nosso companheiro também de luta, Neidson Batista que, hoje, não está aqui, porque está representando a ASA (Articulação Semiárido Brasileiro) e o semiárido brasileiro no recebimento do prêmio na China.

Isso mostra o quanto as organizações da sociedade civil, em parceria com o poder público, podem melhorar vidas e podem construir políticas públicas. Em nome de Chica e de Neidson, eu quero homenagear toda equipe do MOC.

Eu não poderia deixar de falar também da nossa diretoria, pois esta acredita em sua equipe e é uma diretoria que acredita no semiárido. E, em nome da diretoria, peço licença ao meu querido presidente para fazer esta homenagem ao nosso fundador, ao nosso querido Albertino Carneiro que é o idealizador de tudo isso. (Muitas palmas) Albertino está aqui conosco.

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Para concluir, por favor.

A Sr^a CÉLIA SANTOS FIRMO:- Eu já estou terminando.

Mas eu gostaria de ressaltar a sua história, pois este homem merece reconhecimento, uma vez que, em pleno período da ditadura militar, ele obteve a bênção do Espírito Santo por ter tido esta brilhante ideia e esta coragem de enfrentar

o desafio de criar uma instituição justamente no período da ditadura. Então, não podemos deixar de homenagear Albertino e não podemos deixar, nunca, de ouvir os seus ensinamentos.

Neste momento, é importante a gente dizer isso: o MOC é muito mais do que uma instituição, é muito mais do que uma ONG, é muito mais do que um CNPJ. O MOC, para nós, é um espaço de conquistas, um espaço de luta. Por ser uma instituição e, também, um espaço de luta, ele nasce, justamente, no período em que o Brasil vivia uma grande luta contra a ditadura militar.

Portanto, ao fazer parte desta história do MOC, nada mais do que justo comemoramos os 50 anos de existência em outro período em que a gente vive outro momento histórico só que negativamente. Atualmente, estamos em um momento onde a gente vive a negação dos direitos dos sujeitos que mais necessitam das políticas públicas no nosso País.

A gente está aqui para comemorar estes 50 anos de existência do MOC. Em primeiro lugar, reconhecem-se os direitos conquistados a partir das lutas através de diversos movimentos, inclusive o nosso, travaram nesse País.

Em segundo lugar, reconhecemos e externamos a felicidade de ver e vivenciar famílias, crianças, adolescentes e jovens que melhoraram suas vidas. Assim como eu que sou filha de agricultor/agricultora e a partir do acesso às políticas, todos nós tivemos as nossas vidas melhoradas.

Em terceiro lugar, afirmo que os 50 anos de existência do MOC são para reconhecer e externar a sua felicidade e, também, para dizer que o MOC pretende continuar na luta. Neste momento, estamos na luta por permanência dos direitos que estão sendo retirados e na luta por conquista de novos direitos, porque a gente precisa, sempre, olhar para frente, a fim de que os nossos direitos possam vir. Senão, o Brasil perde também.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Quero registrar as presenças de Ana Torquato, chefe de gabinete do deputado Marcelino Galo, e Nilton Freire, também seu representante, que foi estagiário do MOC e vereador lá em Serrinha (palmas); de José Paulo Crisóstomo Ferreira (palmas), coordenador de microcrédito e finanças solidárias da Superintendência de Economia Solidária e Cooperativismo (Sesol), estrutura vinculada à Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte do Estado da Bahia (Setre) e da Sr^a Maria Oliveira, mãe da deputada Fátima Nunes (palmas). Olhem, ela está ali toda bonitona.

Convido, para fazer uso da palavra, o Sr. Osni Cardoso, assessor do governador.

O Sr. OSNI CARDOSO:- Boa tarde a todos e todas.

Antes de mais nada, quero parabenizar os deputados Gika Lopes, Neusa Cadore, Fátima Nunes e todos os que construíram este momento aqui para o MOC e sua caravana em seus 50 anos de história.

Para mim, é um prazer estar aqui, porque cada um, neste momento, fala a partir do seu lugar e do que viveu. Estava ali confabulando um pouquinho com Elisângela e com Marcos que estão representando a deputada Fátima Nunes. Acho que cada um conta este momento do seu jeito.

Eu, na comunidade do Bela Vista que faz divisa com a cidade de Ichu, sei muito bem qual foi o papel e a importância do MOC em minha vida, desde as primeiras ações que chegavam para as comunidades via igreja e via cestas básicas em seus primeiros trabalhos às grandes ações e ao pensamento de fazer com que a sociedade mudasse.

Eu me lembro da primeira experiência. Lá, estava o padre Albertino. Aliás, em quase todos os encontros, todos estavam presentes inclusive o padre Albertino quando, em 1992-93, foi feito o primeiro seminário. Acho que foi o primeiro. Eu me lembro de que, à época, ouvimos o prefeito de Icapuí, no Ceará, José Airton, se não me engano, falar sobre as experiências de esquerda e como governar este Brasil a partir daquele pensamento.

E tenho certeza de que quando o MOC fazia aquilo, estava dando um recado para a gente. Está na hora de a gente pensar na institucionalidade, mas está na hora de pensar de maneira séria, pensando no povo, o que sempre foi o objetivo do MOC.

Então, Albertino, à sua história, a você, ao Neidson, a Jerônimo Rodrigues – que não é o presidente, José Gerônimo, a quem também quero saudar – e a tantos outros que foram formadores da minha vida, principalmente no Centro Comunitário de Formação, em Ichu. Como era da divisa entre Serrinha e Ichu, na época eu participava da paróquia na cidade de Ichu. Então, posso afirmar, sem medo de dizer – principalmente negando a história da meritocracia, pois acham que apenas por mérito próprio se consegue conquistar as coisas –, que foi o MOC que me ajudou a enxergar o mundo, a entrar na política, a entrar na universidade, para de alguma forma tentar ajudar as outras pessoas. Muito obrigado por aquilo que o MOC fez por mim e fez por tanta gente que está aí no anonimato, mas que teve a sua vida transformada por ele.

Então, meus parabéns a você que simboliza o conjunto desta luta. A Célia, mulher guerreira que representa, neste momento, um pouco do que a Esquerda pensa, um pouco do protagonismo das mulheres. Estou vendo aqui que são seis programas. Como sempre a ousadia do MOC em pensar algo diferenciado. Quero, em seu nome e em nome de todas as mulheres, dar as boas-vindas a nossa vereadora Marta, do PT de Salvador, que está aqui conosco.

Conseguí falar no *WhatsApp* com nosso governador. Eu estou saindo daqui para ir a Juazeiro. Não vou continuar na atividade de vocês, mas ele me pediu para que eu transmitisse um abraço a todos e pedisse para vocês continuarem na luta, porque foi dela que nós fomos forjados e dela não devemos sair nunca.

Um abraço e parabéns a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Quero registrar a presença da vereadora Marta Rodrigues. Já que Osni saiu, convido a vereadora Marta para compor e abrilhantar esta Mesa.

Ouviremos a música Raízes, na voz da cantora Hiolany Carneiro.

(Apresentação Musical.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Convido o agricultor familiar Eduardo Emídio dos Santos, de Riachão de Jacuípe, para falar sobre o Programa Água, Produção de Alimentos e Agroecologia.

O Sr. EDUARDO EMÍDIO DOS SANTOS:- Boa tarde a todos. Sou agricultor lá de Riachão de Jacuípe, como foi dito pelo deputado Gika. Quero saudar todos os homens que aqui estão na pessoa de Gika e as mulheres na pessoa da deputada Neusa Cadore.

Sou agricultor e filho de agricultor. No ano de 2000, eu ainda morava em Barreiros, que é a minha comunidade. E, lá morando, a gente não tinha perspectiva de vida. Então, tive que sair da comunidade e ir para a cidade grande, onde a gente ia em busca de emprego e renda. Então, por 3 anos, nós acreditamos nisso. Mas, depois dos 3 anos, voltamos para o campo e iniciamos a nossa trajetória de vida dentro da agricultura familiar, por meio da qual conseguimos transformar nossa propriedade em uma propriedade sustentável no Semiárido baiano.

Apesar da quantidade bastante pequena de chuvas que lá cai – hoje uma média de 370 milímetros – nós conseguimos hoje ter, dentro da nossa propriedade, caprinos de leite, bovinos de leite, galinha caipira, peixe, abelha. Dentro da área de produção, temos uma mandala, temos barragem subterrânea, cisterna calçadão, cisterna de consumo. Dentro desse sistema de água e agroecologia, nós temos na propriedade, como eu falei, mesmo com essa pequena quantidade de chuva, a possibilidade de produzir o ano inteiro. Então, produzimos e criamos, dentro da propriedade, que hoje é de 55 tarefas de terra, 40 bovinos e 110 caprinos, retirando 85% de todo o alimento dentro da propriedade do alimento dos animais, e 100% de nossa renda é retirada desse pequeno pedaço de chão no Semiárido.

Tudo isso aconteceu no ano de 2003. Quando retornamos, conhecemos a entidade chamada MOC. Foi aí que foi possível fazer tudo isso. O diferencial foi que em 2000 tivemos que sair do campo, porque não dava para viver. Conhecendo o MOC, a partir de 2003, nós transformamos a nossa vida, a vida da nossa comunidade, a propriedade em si. Com essa transformação, hoje nós somos conhecidos e reconhecidos. A prova é que nós estamos aqui, hoje, representando os agricultores familiares da Bahia, do Semiárido, como uma propriedade sustentável. Só para vocês terem uma ideia do que o MOC representa para a gente e do que nós hoje, em parceria com o MOC, conseguimos construir no Semiárido: nós recebemos, agora em agosto de 2017, 620 pessoas que passaram pela propriedade para conhecer como

viver, como produzir no semiárido, com tão pouca chuva e também com o pequeno pedaço de chão.

Lembrando que a nossa propriedade, para atender aos requisitos de agroecologia e de sustentabilidade, tem que possuir 3 pilares: ser economicamente viável, ecologicamente correta e socialmente justa. Dentro do contexto de preservação, temos 40% de reserva legal. Nós abrimos a propriedade e não recebemos nada pela visita. Esta é a contribuição social que damos para o movimento. Também financeiramente ela é viável, pois hoje nós retiramos 100% da nossa renda da propriedade.

Então, tudo isso foi possível porque acreditamos em uma terra que o MOC defende: uma terra de agroecologia. Tem muitos outros até na Bahia. Mas, no Projeto Produzir e Preservar, o que a família de Eduardo adotou como método de vida foi a agroecologia, foi o que o MOC nos ensinou durante esses 15 anos.

Obrigado, MOC, por fazer parte da nossa vida, por fazer parte da nossa família.
(Muitas palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Relatório muito bonito. Ouviremos agora a coordenadora da Rede de Produtoras da Bahia, Jonalice de Santana Santos, de Riachão de Jacuípe, para falar sobre o Programa de Fortalecimento de Empreendimentos Econômicos Solidários.

A Sr^a JONALICE DE SANTANA DOS SANTOS:- Boa tarde, pessoal. Como vocês ouviram, eu sou de Riachão de Jacuípe e sou agricultora familiar. Falar do MOC é fácil. O tempo que é muito curto para a gente falar de uma instituição tão grande como essa. O MOC, na vida das nossas famílias, foi uma benção. Hoje trabalhamos com o conhecimento dos técnicos do MOC, que dão sustentação para a gente. Temos a nossa feira da agricultura familiar todos os sábados e também a nossa horta. O que mais pega para a gente é a questão da água. Eu tenho uma cisterna de enxurrada e também tenho uma cisterna de consumo que foi desse projeto. Tenho também o Projeto PAZ. É daí que a gente tira o nosso sustento e também temos um grupo de produção através do MOC, Rede de Produtoras da Bahia. A gente tem uma quantidade de mais de 20 famílias que, hoje, trabalham com a gente fazendo os sequilhos, os bolos. Hoje, a gente já teve até a grandeza de vender para o PNAE. O que a gente pede e agradece é, no caso, que todos os órgãos sustentem o MOC, porque o MOC é quem segura a gente, trabalhador, principalmente, os agricultores da zona rural, como eu.

Então, eu digo para vocês que o MOC é tudo na nossa vida. Se não fosse o MOC, a gente não seria ninguém. É como eu digo a vocês, em nome de Célia Firmo, que está ali, que é quem dá uma sustentação, porque a gente tem acompanhamento de mulheres. Nós temos um grupo de mulheres que é, também, preparado pela Rede Produtora da Bahia, através do MOC. A gente tem cursos para fazer tudo isso: artesanato, alimentação.

A gente se sente empoderada hoje, pois já temos o nosso próprio dinheiro, que foi conseguido através da força que o MOC deu para a gente. Então, eu digo para vocês que o MOC é tudo na nossa vida.

Por um sertão justo, vamos fortalecer o MOC, porque é o MOC que fortalece a gente. Eu só tenho a dizer ao MOC: parabéns por tudo que tem feito por nós, pequenos. Hoje, nem nos consideramos mais pequenos, por causa do MOC. Nós nos consideramos mulheres empoderadas. A gente já se sente engrandecida por ter vários conhecimentos, de até viajar para outros Estados, através do MOC, ter a possibilidade de uma mulher do campo entrar num avião, lado a lado com qualquer um cidadão, e representar o MOC. (Palmas)

Então, digo para vocês que o MOC é uma bênção de Deus para todos nós. Vamos segurar o MOC, porque o MOC somos nós. No final, só tenho a dizer: “Fora Temer!” (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Convido a educadora Fabiane Pinto da Silva Oliveira, de Conceição do Coité, para falar sobre o Programa de Educação do Campo Contextualizada.

A Sr^a FABIANE PINTO DA SILVA OLIVEIRA:- Boa tarde a todos e a todas.

Sou Fabiane, do município de Conceição de Coité. Antes de começar a falar do que foi o MOC na minha vida, acho importante falar de onde eu vim. Eu vim da zona rural, morei até os 6 anos na zona rural. Então, a minha memória do campo é uma memória gostosa, de liberdade. A minha relação com o campo já começa desde daí.

O meu primeiro contato com o MOC já foi como educadora. Ingressei no serviço público municipal do meu município e fui para a escola do campo. A primeira semana na escola, foi a semana de angústia, porque a universidade não tinha me preparado para aquilo. Foi aí que conheci o MOC. Com as suas formações continuadas, conheci, de verdade, o projeto CAT.

A formação que o MOC me deu, permitiu que eu vivenciasse – no chão da escola que eu trabalhava, uma escola com uma sala, uma secretaria, uma cozinha e um banheiro – o que eu tinha visto de teoria na minha faculdade. Sou licenciada em História e em Pedagogia. Eu tenho três pós-graduações, mas digo a vocês: nenhuma, nenhuma me proporcionou o que o MOC me proporcionou. (Palmas) Porque, na universidade, eu aprendi teorias, eu li sobre Paulo Freire na faculdade, mas foi no chão da minha escola que eu vivenciei as ideias de Freire, quando uma aluna de 7 anos me abraçou e disse o seguinte: “Pro, eu tenho algo a te ensinar. Hoje eu vou te ensinar alguma coisa.” Ela sabia que tinha algo a me ensinar, que ela também era produtora de conhecimento, e que não havia hierarquização de saber. Eu estava ali para ensinar e para aprender. E a menina de 7 anos me ensinava, ela sabia que me ensinava. Então, isso é um dos momentos marcantes do MOC na minha vida.

Saí em 2013, da sala de aula, e estou na coordenação da Educação do Campo Contextualizada, no meu município. Daí, eu resalto a importância dessa formação

continuada, para nós professores do campo, que o MOC nos proporciona. Porque a universidade vai nos dar teoria, vai nos dar muita coisa importante, mas o MOC nos ensina a cuidar de gente. A universidade nos ensina a cuidar de aluno, de pessoas e teorias. O MOC me ensinou a ver os meus alunos como gente, como pessoa.

Novos professores irão ingressar nos municípios. Meu município está querendo fazer concurso público este ano, então, eu digo: esses novos professores e nós precisamos do MOC para mudar nossa educação.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Convido para compor a Mesa a Sr^a Secretaria de Políticas para Mulheres, Julieta Palmeira. (Palmas)

Convido Cristiano da Cunha Santos, de Araci, para falar sobre o Programa de Comunicação.

O Sr. CRISTIANO DA CUNHA SANTOS:- Boa tarde. Saúdo a Mesa e a todos vocês. Primeiramente, eu queria agradecer. Foi-me feita uma proposta, e a pergunta foi: O que o MOC contribuiu na sua vida? Eu cheguei aqui e disse: O tempo, qual será o tempo que eu tenho para falar? Porque é difícil falar em 5 minutos o que aconteceu em 10 anos. É muito pouco tempo! Irei resumir cada 2 anos em 1 minuto, pois é muita coisa.

Conheci o MOC, não diretamente, com o Baú de Leitura. Um programa fantástico, um projeto fantástico que conheci no meu quarto ano. Algo que eu não sabia. Simplesmente, minha professora chegou com o baú, o que achei muito estranho, e começou a tirar livros. Logo o quê? Livros! Algo que eu odiava ler, livros! O livro mais feio que saiu de dentro do baú foi o que me interessei. Comecei a ler. Participei da ActionAid, como criança. Adolescente, comecei a participar também de intercâmbios e fazer, principalmente, sobre os intercâmbios, direitos, deveres e comunicação. Desses intercâmbios, o que mais me tocou foi o último, em Conceição do Coité, sobre comunicação: comunicação nas comunidades. No nosso município, principalmente, tem a rádio forte, algo que ajuda muito a nossa comunidade, pois sabemos que por essas rádios fortes podemos avisar para ela e o nosso município o que acontece com a política, a saúde, enfim, tudo o que ocorre nela e na nossa cidade.

Agradeço ao MOC por me fazer hoje conselheiro municipal de jovens do meu município, representando as entidades rurais. Agradeço ao Movimento de Organização Comunitária por tudo o que tem feito, pela homenagem no Bocapiu e principalmente também por me ajudar a desenvolver a minha fala, algo que eu não conseguia. Mas depois do Projeto Baú de Leitura, trabalhado na sala, com hortas, e de saber que eu, agricultor, não preciso sair do meu sertão para ter uma vida digna, na qual possa ter um emprego, e na minha própria comunidade, sim, atuar com uma faculdade, posso, sim, dizer à minha mãe: “Mãe, não preciso ir para São Paulo, como meus irmãos mais velhos foram, e hoje não podem voltar, pois dizem que a nossa seca castiga.”

Não, não tem como acabar a seca! Mas tem como lidar com ela, sim, pois, graças ao MOC, na roça da minha mãe, onde criávamos – infelizmente não criamos mais – ovelhas, cabras, agora temos barreiros, cisternas. E na minha casa, onde bebíamos água de tanque, hoje podemos beber água da chuva porque, principalmente graças ao MOC, já temos a cisterna. (Palmas)

Aprendi no Movimento de Organização Comunitária – num dos intercâmbios, sobre direitos e deveres – que tenho o dever, sim, de ajudar a minha mãe em casa e ir à escola estudar, mas também tenho o direito de ter uma educação de qualidade – o Educa Comunicação –, uma alimentação de qualidade, sim, na própria escola, uma merenda escolar de qualidade, assim como a gente também proporcionou, já fez até hortas. Só que lamentavelmente a população não ajudou. Porém, sim, a gente conseguia abastecer a escola com a nossa própria horta.

Aprendi igualmente que tenho o direito, como já fiz, de gritar na pista “Fora Temer! Diretas Já!” Enfim, eu tenho direito a tudo, (Palmas) porque eu, se Deus permitir, um futuro geógrafo, não vou aceitar que ele tire Geografia, Filosofia e História, pois sei como é bom estudar isso! Acredito que precisamos, sim, de geógrafos, historiadores e filósofos no nosso sertão, no nosso Semiárido, sim, pois temos riqueza a contar, histórias a contar e muita coisa a analisar.

Agradeço a todos pela oportunidade! A luta continua: “Diretas Já!” E pelos nossos direitos nós iremos lutar, sim!

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Valeu, garoto!

Ouviremos a coordenadora do Movimento Regional de Mulheres Trabalhadoras Rurais, Lídia Maria Araújo Lima, de Araci, para falar sobre o Programa de Gênero (Pgen). (Palmas)

A Sr^a LÍDIA MARIA ARAÚJO LIMA:- Boa tarde a todos e todas.

Quero saudar a Mesa na pessoa da nossa companheira Elisângela.

Então, estar aqui enquanto mulher rural não é fácil. Mas estou nesta sessão especial para me representar e também às nossas companheiras, que por muitos e muitos anos tiveram seus direitos negados. E nós, enquanto Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais da região semiárida, estamos neste Plenário igualmente para agradecer durante os seus 50 anos de luta ao MOC, que tem nos proporcionado e dado força para darmos continuidade a esse processo.

Eu também não posso esquecer de uma companheira, ou melhor, de duas companheiras de luta: D. Helena, de Serrinha, onde travou essa luta há anos, e a nossa saudosa Madalena, de Araci, onde por muitos e muitos anos lutaram por direitos garantidos para as mulheres. Essas duas tiveram a coragem de enfrentar políticos, pessoas da elite para ir lá, durante a Constituinte de 1988, dizer que as mulheres também precisam ter direitos garantidos. E eu estou aqui para reafirmar o nosso compromisso enquanto mulheres!

Quero também agradecer ao MOC pela oportunidade que nos tem dado com a equipe de gênero na nossa formação contínua, pois é um processo muitas vezes visto como de mulheres ousadas que querem tomar o lugar dos homens. Mas não é isso. Nós queremos apenas direitos garantidos e respeitados. Queremos lidar com homens e mulheres, (Palmas) pois direitos têm de existir para todos.

Hoje vivenciamos um processo difícil e doloroso. Mas nós, enquanto mulheres trabalhadoras rurais, vamos, sim, dizer que temos de garantir os nossos direitos, porque foi debaixo de muito sangue que conseguimos garanti-los lá na Constituição.

Então, igualmente estou nesta Casa para dizer ao Movimento de Organização Comunitária que estes 50 anos não se encerram aqui. Agora é apenas um novo processo para reafirmar o nosso compromisso com homens, mulheres e jovens, ou melhor, com a linha de pensamento que eles defendem, para lidarmos neste País perverso, duro! Mas vamos à luta!

É isso aí, companheiros! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika):- Ouviremos a música Filha do Sertão com a cantora Hiolany Carneiro.

(Apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Fala dos membros da Mesa de Prosa. Contribuições da caminhada com o MOC para a construção e fortalecimento de um sertão justo para homens, mulheres, crianças, adolescentes e jovens. ASA–Bahia, Cleusa Oliveira da Silva.

A Sr^a CLEUSA OLIVEIRA DA SILVA:- Boa tarde a todos e todas, quero saudar a Mesa. Falar depois desses testemunhos é quase dispensável, mas vamos lá.

(Lê) “Hoje nós estamos aqui para celebrar os 50 anos do Movimento de Organização Comunitária–MOC, e eu estou aqui para falar em nome da Articulação do Semiárido Brasileiro–ASA, e de modo muito especial das entidades que fazem parte dessa rede no Estado da Bahia.

Tenho plena consciência de que, sob a sigla MOC, estamos homenageando inúmeras pessoas que, ao longo destes 50 anos, construíram uma história de compromisso na luta por políticas públicas, participação social, agroecologia, economia solidária, soberania e segurança alimentar e nutricional, educação contextualizada, entre outros.

O MOC tem um papel importantíssimo na articulação da ASA em âmbito estadual e em âmbito nacional. Foi na sua sede em Feira de Santana que aconteceram as primeiras reuniões para a articulação da ASA–Bahia. Nós éramos, naquela época, dez entidades, ali dando os primeiros passos como rede estadual de convivência com o Semiárido...” – e aqui a gente tem pessoas como Nilton Freire, a Fátima Nunes, que fazia parte desse grupo. Hoje somos 30 entidades na Bahia, que estão articuladas nessa rede.

(Lê) (...) “Em todo o Semiárido, já perdemos a conta de pessoas e entidades que se identificam como ASA. E essa trajetória acaba de receber, na China, num evento que reuniu representantes de 300 nações, o prêmio que é considerado o ‘Oscar’ internacional para as melhores políticas e homenageia leis e práticas que combatem com sucesso a desertificação e a degradação da terra. (Palmas) Nós temos muito a agradecer e celebrar. Um agradecimento muito especial, porque durante todo esse tempo o MOC disponibilizou grande parte do tempo e da dedicação de Neidson na coordenação da ASA e da AP1MC”. Quero pedir uma salva de palmas especial para Neidson. (Palmas)

“E agradecemos não só o trabalho dele, mas, sobretudo, o seu testemunho de vida, sua dedicação apaixonada pelo Semiárido brasileiro e sua gente.

Hoje, ao celebrar estes 50 anos de luta e compromisso, podemos dizer que esta história está devidamente registrada não somente em arquivos históricos, mas principalmente:

- no sorriso de cada criança do Semiárido que não morreu de fome, sede ou vítima da exploração do trabalho infantil;
- no olhar firme de cada mulher que se libertou de relacionamentos opressivos, conquistou sua independência econômica e se juntou a outras mulheres para assumir o seu protagonismo;
- na ousadia e no compromisso de jovens que tiveram o privilégio de estudar em escolas com educação contextualizada e hoje são conscientes e assumem o seu papel questionador e lutador junto às suas comunidades;
- no olhar esperançoso e feliz de cada agricultor e agricultora que descobriu que o Semiárido é um lugar bom de se viver e aí conquistou o direito a uma vida mais digna.

Em tempos sombrios que vivemos, de violação de direitos, de golpes e ataques à democracia, é muito importante reafirmarmos nossos sonhos, ideais e valores. E, sobretudo, celebrar nossas conquistas, que são fruto da organização popular.

Quero concluir trazendo aqui a emocionante fala de Neidson ao comentar o significado do prêmio que a ASA recebeu na China. Ele dizia que esse prêmio é o reconhecimento da importância e necessidade de se trabalhar com os mais pobres e marginalizados a convivência com o Semiárido, reconhecendo que são sujeitos e que são capazes de mudar sua história. Significa que não podemos de abrir mão da convivência com o Semiárido e de trabalhar com os nossos pobres. A nossa ação é bonita, digna de nota, e devemos continuar. Essa é a essência de nossa luta.

Parabéns, MOC! E que mais 50 anos de luta e compromisso com a vida venham pela frente!” (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Quero registrar a presença da ex-vereadora de Serrinha Helena Barreto, também nesta luta junto com o MOC.

Convido para fazer uso da palavra, do Fórum Baiano de Agricultura Familiar, Elisângela Araújo, guerreira!

A Sr^a ELISÂNGELA ARAÚJO:- Boa tarde a todos e todas. Está todo mundo emocionado com os depoimentos, com a magia, a coisa maravilhosa desta tarde aqui. Quero parabenizar você, viu, meu deputado Gika, e as deputadas Neusa Cadore e Fátima Nunes, que estão pelo Sertão afora, nas labutas da vida, mas os seus mandatos estão, aqui, presentes com a gente.

Quero saudar todas as organizações parceiras presentes, em nome do Fórum Baiano da Agricultura Familiar, e agradecer a oportunidade e o convite à direção do MOC, ao presidente Gerônimo e a uma grande mulher, a nossa secretária executiva, Célia Firmo, mulher de coragem e luta, e também um carinho muito especial a toda a equipe do MOC, porque sem essa equipe todo esse brilho de 50 anos de história... A gente sabe das pessoas que passaram por essa grandiosa organização, do empenho de cada um e de cada uma de vocês. Uma saudação muito especial e uma salva de palmas a toda a família moquiana. (Palmas)

Osni começou dizendo e eu afirmo com ele: a gente fala do MOC a partir da nossa vivência e da nossa história, também sou uma agricultora familiar, dirigente sindical, sou da executiva nacional da CUT, e sou lá do Sisal, de São Domingos, natural de Valente. Quero pedir licença para saudar uma pessoa que faz parte da minha história, da minha militância, pelos ensinamentos de entender o que é uma política pública, do que é a política. Ele chegou, lá, em São Domingos, em Valente, se reunia com a gente do sindicato e dos movimentos de igreja, Padre Albertino meu abraço e meu carinho todo especial a você. (Palmas)

O MOC, para nós dirigentes, militantes, tem um pouquinho de cada um. Às vezes vocês não imaginam e pensam: mas o que tem a ver Elisângela dirigente sindical da CUT com o MOC? Tem tudo a ver, né Eliana? Um abraço ao Sesi e toda a equipe, que também faz parte da nossa história. Vocês contribuíram tanto. Gika que teve uma clareza, e lhe parabeno novamente por este momento especial, porque a Bahia precisa saber disso. O MOC trouxe para gente a qualidade da nossa intervenção na disputa das políticas públicas para um segmento invisível, que é a agricultura familiar do semiárido, Neusa.

O MOC, para gente, tem um significado... Eu poderia estar hoje com esta sala repleta de lideranças do movimento sindical da Bahia, em especial do Semiárido, porque de uma forma ou de outra, nas lutas, Olga – você também é importante pois assessorava a gente – e na labuta, foram importantes na construção das pautas para a disputa das políticas públicas, para conviver com o semiárido, para erradicação do trabalho infantil, para uma educação para o campo e do campo, para tantas outras políticas, como o empoderamento das mulheres. Como ela estava falando aqui, quantas e quantas formações, as companheiras assessoras e colaboradoras do MOC foram lá em nossos encontros de mulheres da região, do território do sisal, do território do Portal do Sertão, do Estado da Bahia, das nossas formações do movimento sindical, da CUT, da Fetag, hoje, da Fetraf ? Foram muitas, inúmeras.

É como diz o jovem, aquele garoto belíssimo que esteve falando com a gente, 5 minutos é pouco tempo para falar de uma história linda, de uma história de construção e de contribuição para o empoderamento de muitos agricultores e agricultoras por esta Bahia, por esse Sertão afora, na disputa e na luta por uma vida digna no Semiárido e por um Sertão mais justo.

Hoje, eu só tenho a dizer, obrigada! E dizer a todos vocês que num momento como este de uma conjuntura política tão adversa, de crise, de um golpe que estamos vivenciando, precisamos mesmo de entidades fortes, parceiras, da unidade nossa na adversidade, do conjunto das organizações sociais da Bahia e do Brasil, porque queremos ter fora todos esses golpistas. Fora Temer, por um Brasil de democracia e de justiça social e de igualdade e oportunidades para homens e mulheres negras e todas as gerações deste País.

Um abraço. Parabéns! Parabéns! E vida longa para o MOC e para todos nós dos movimentos sociais e da luta e da labuta por um Brasil de democracia para todos e todas.

Estou muito emocionada hoje. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika):- Valeu, Elisangela!

Quero registrar a presença da Celidalva, vereadora de Ichu.

Quero chamar para fazer uso da palavra Luzineide Dourado Carvalho, da Rede de Educação do Semiárido Brasileiro. (Palmas)

A Sr^a LUZINEIDE DOURADO CARVALHO:- Boa tarde a todos e a todas aqui presentes. Saúdo a Mesa.

É um grande prazer estar aqui. Fiquei muito emocionada ao adentrar este espaço que é o que representa todas as nossas lutas, é um momento histórico. Histórico é o momento de estar aqui em nome da Rede de Educação do Semiárido Brasileiro, a Resab é uma rede que tem, desde o ano 2000, pensado, lutado, mobilizado e articulado uma proposta de educação libertadora, de autonomia para os povos do Semiárido. O MOC é uma das instituições, nesses 50 anos... Sou professora da Uneb, do campus de Juazeiro, e estamos junto com o MOC há muitos anos. Ele tem sido essa instituição forte, guerreira, que vem lutando com todas as instituições que são ligadas à Resab por uma proposta educativa.

Então, são muitos marcos que temos para trazer sobre a presença do MOC na construção desse itinerário pedagógico de pensar currículo, pensar materiais didáticos, pensar formação de professores, pensar uma gestão, não a partir da escola, mas a escola sendo o espaço de produzir saberes que deem lugar e voz àqueles que têm sido excluídos, a que têm sido negados direitos, especialmente quando se coloca que é do rural, quando é do Sertão e toda uma estereotipia, toda uma negatividade e todo um preconceito sobre o ser mulher, ser criança, ser jovem nesse Sertão.

Enquanto representantes da Resab viemos destacar, sim, que desde ano 2000 quando a Resab foi constituída rede, muitas instituições, entre elas o MOC, já vinham

construindo esse itinerário. Mas, a partir do ano 2000, com a Rede de Educação do Semiárido, essa luta vai ser agregada em termos coletivos de pensar toda uma ação. Por exemplo, em 98, quando aconteceu o Simpósio Escola e Convivência com a Seca, em Juazeiro, estava lá o MOC. Em 2000, no I Seminário de Educação no Contexto do Semiárido Brasileiro, em Juazeiro, junto com outras instituições, o MOC também estava ali construindo esse momento decisivo e importante. Em 2004 e até hoje é uma instituição que é membro da Secretaria Executiva da Resab, do grupo gestor, então, mobiliza, a partir do Estado da Bahia, toda uma ação de trabalho junto com a sociedade civil. É uma instituição que representa a sociedade civil organizada e trabalha com a Uneb e outras instituições governamentais. Em 2006, realizamos a I Conferência Nacional de Educação para Convivência com o Semiárido.

Então, todo esse trabalho é para pensar o quê? Que a educação contextualizada é uma busca, uma luta, para tornar a educação um espaço e um lugar de tematizar o desenvolvimento justo, solidário, sustentável, para o semiárido baiano e o semiárido brasileiro.

Enfim, a gente quer colocar, também, o método CAT: conhecer, analisar e transformar, que é o método trabalhado pelo MOC nas escolas do campo, nos territórios de sua atuação, envolvendo jovens, mulheres e toda uma atuação de desenvolvimento sustentável, integrado, inclusão sociopolítica, econômica e cultural. Ou seja, um trabalho reconhecido, realmente, que tem gerado um empoderamento – como aqui já foi posto em várias falas – das mulheres e jovens. São ganhos incalculáveis para o Semiárido baiano e Semiárido brasileiro como um todo.

Então, as conquistas da Resab, que têm sido muitas, de muitas lutas, têm sido conquistas do MOC. Como, também, as conquistas do MOC – e a gente parabeniza esses 50 anos de lutas e conquistas – têm sido, também, da Resab. Então, ganhamos todos nós do Sertão e do Semiárido. E queremos agradecer e desejar, em nome da Resab, uma vida longa ao MOC, muita luz, e a todos que fazem dessa instituição uma promotora do bem viver nos territórios semiáridos. Parabéns. MOC, pelos 50 anos.

(Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Representando a SPM, convido para fazer uso da palavra Julieta Palmeira.

A Srª JULIETA PALMEIRA:- Boa tarde! Em nome do governo do Estado da Bahia, da Secretaria de Políticas para as Mulheres, queria agradecer o convite dos proponentes desta sessão, do Sr. Deputado Gika Lopes, da Srª Deputada Neusa Cadore, que está aqui nessa Mesa, e da Srª Deputada Fátima Nunes, que está na lida, no sertão, e que muito nos honra. Dizer que temos muito prazer em estar aqui, queria saudar, também, os participantes e, em especial, as mulheres aqui presentes e as mulheres do MOC. Não poderia falar aqui em nome da Secretaria de Estado de Políticas para as Mulheres sem saudar as mulheres que fizeram parte dessa história do MOC. Com isso, a gente vê o grande protagonismo das mulheres hoje em nosso País, na nossa Bahia, nesses grandes espaços públicos.

Para mim, é uma grande honra estar aqui como secretária estadual saudando toda essa trajetória histórica do MOC, que sempre esteve à frente dos direitos humanos, na luta pelos direitos humanos, e sempre esteve nessa grande campanha objetiva que tem desenvolvido grandes batalhas para a inclusão social, pela democracia em nosso País, exatamente incluindo desde as populações menos favorecidas às mulheres, aos homens do campo e da cidade.

Eu acho que esse é um trabalho belíssimo, mas, em especial, eu queria – estou vendo aqui no Plenário a Eliana Rolemberg, a quem também faço a minha saudação – dizer a vocês que é muito importante que governo e sociedade, governo e movimentos sociais, estejam unidos numa grande e efetiva frente pela democracia em nosso País. É o momento para que vocês, do MOC, que têm essa trajetória de 50 anos, que sempre lutaram pela democracia em nosso País e levantaram concretamente a luta por nenhum direito a menos, ainda neste ano de 2017 participem efetivamente dessa luta pela democracia. Hoje, deputado Gika... E estou vendo aqui o seu vice-prefeito, da cidade de Nova Soure, Marcos Ureilton, que é muito importante para nós, que representa a deputada Fátima Nunes, que, aliás, muito gentilmente me cedeu seu lugar aí na Mesa, a quem agradeço.

Quero dizer que é muito importante para nós essa questão de uma frente ampla, uma frente que reúna governo e sociedade pela democracia. Em especial, quero conclamar o MOC – já que ele tem história nessa área, com as decisões referentes a “nenhum direito a menos” e à questão do enfrentamento à violência contra as mulheres – a se integrar objetivamente. Ele já faz parte do Conselho de Direitos da Mulher, a quem saúdo aqui também na figura da participante do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher da Bahia, que muito exerce o seu papel lá. Quero dizer que nós precisamos nos unir, todos, numa grande campanha de enfrentamento à violência contra as mulheres.

Essa é uma questão grave, é uma questão de saúde pública pela qual cabe a nós, efetivamente, lutar conjuntamente para que façamos o enfrentamento, porque a violência tem a ver com o machismo. Nós precisamos acabar com o machismo na nossa sociedade porque não é permissível que, no século XXI, um sexo seja inferiorizado em relação a outro, um gênero seja inferiorizado em relação a outro, um gênero seja inferiorizado em relação a outro.

É por isso que nós também queremos muito, ao prestar esta homenagem dos 50 anos do MOC, marcar pela sua luta, pelos seus objetivos, por essa luta conjunta nossa que já vem sendo efetivada em relação ao combate à violência contra as mulheres, e, mais que isso, contra o machismo e pela equidade de gênero. Este é um momento histórico para marcar isso, sem passar em branco.

Saudações ao MOC e a todos que estão aqui presentes, agricultores, familiares, trabalhadores, representantes sindicais e estudantis, para dizer que estamos conjuntamente com esse esforço de levar adiante a nossa luta porque uma democracia representativa só existe se a maioria estiver representada. E no momento, ela está a carecer disso. Está exatamente vulnerável a essa questão no momento em que se subtrai direitos, se dilapida o patrimônio nacional e que se suprime a democracia em nosso País.

Um abraço, saudações a vocês todos que têm essa luta cotidiana, histórica, que muito nos orgulha, pessoas que estão comprometidas efetivamente com a luta e o avanço da Bahia e do Brasil.

Um abraço. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Quero registrar a presença de Camila Santos, subcoordenadora do Água para Todos, que é um programa da CAR (Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional); Jerônimo Rodrigues, secretário da SDR (Secretaria de Desenvolvimento Rural).

Chamo agora para fazer uso da palavra a companheira e também guerreira de luta por todos os movimentos sociais, a nossa companheira, deputada Neusa Cadore.

A Sr^a NEUSA CADORE:- Boa tarde a todas e a todos os companheiros. Eu começo agradecendo pela oportunidade que esta Casa me dá de comemorar com vocês. A Casa participa deste calendário de celebração dos 50 anos, que, para gente, é um momento muito especial.

Quero saudar todas as pessoas que estão aqui com a gente, temos representantes dos sindicatos, mandatos de vereadores, entidades e movimentos sociais. Quero fazer um agradecimento especial a Eliana, que representa a Sesi com seus mais de 40 anos de contribuição; quero parabenizar o deputado Gika e a deputada Fátima Nunes, que deve estar doidinha por não estar aqui; cumprimentar o nosso vice-prefeito, que a está representando... mas vou dividir esse cumprimento com a dona Maria Oliveira, que, com mais de 80 anos, está aqui. Né, dona Maria? Um abraço para a senhora, que deu para a Bahia uma companheira valorosa, como a deputada Fátima Nunes.

Eu gostaria de cumprimentar a nossa secretária de mulheres, que aqui representa o nosso governador; cumprimentar o Sr. Jerônimo... A mesa está grande, uma mesa linda, com testemunhos muito bonitos, mas eu queria cumprimentar a Selma, o Jerônimo, a família MOC e todos e todas aqui, o Eduardo, a Elisângela, a Creuza, enfim, cada um e cada uma.

Eu acho que aquela faixa que foi colocada por Fátima e Gika, ela traduz muito bem quando fala: “Por um Sertão justo”. Eu estava me perguntando: qual é a imagem que a gente tem, qual é a imagem que se tem do Semiárido? Infelizmente ainda é a imagem do carro-pipa, para muita gente, da seca, do êxodo rural, da fome. E a luta, a caminhada dos 50 anos do MOC vem, aqui, hoje, compartilhar conosco um cenário em que a gente pode ver, com muita clareza, que essa caminhada toda é a profissão de fé de que no Semiárido existe uma gente forte e de que é possível construir o Sertão justo.

Eu acho que o convite que foi feito, trazendo aqui homens e mulheres de várias gerações, o Cristiano, que é um adolescente, passando por Eduardo, por cada uma e cada um que falou aqui... A gente teve hoje esse momento abençoado que nos fortaleceu muito ao ouvir o relato de que o Semiárido é um lugar em que nós podemos acreditar como um lugar que se constrói, de verdade, vida. Tive a

oportunidade de visitar Eduardo numa seca grande e perguntei a ele: Eduardo, e aí agora, como é que é? Ele disse: “Eu aprendi a viver com a seca”. Como ele bem relatou aqui, todo mundo conhece.

Então, gente, que coisa maravilhosa para ser celebrada, todas essas conquistas. Lembrando que, durante muitos governos, as políticas oferecidas, ou negadas, determinavam que o Semiárido era o lugar da exclusão, o lugar discriminado. E o MOC foi uma das organizações, e não dá para falar do Semiárido sem lembrar, Albertino, que lá, em plena ditadura, um tempo muito duro, se acreditou nessa possibilidade.

E para além de todas as conquistas, que são muitas, eu quero destacar que o trabalho do MOC é também um celeiro de lideranças. Hoje nós temos pessoas que contribuem em vários cantos, talvez até fora da Bahia, a gente pode lembrar do nosso querido Albertino, lembrar o Neidson. Que coisa bonita, comemorar 50 anos, e o Neidson está lá na China recebendo esse prêmio tão significativo que mostra como foi importante a articulação dos movimentos sociais na luta por políticas públicas. Mas não só na luta, também na construção de políticas importantes como essa que recebeu o prêmio, que é o programa das cisternas.

Então, companheiros e companheiras, repito, para nós é uma honra muito grande, é um momento privilegiado a gente estar podendo nesta tarde, ouvir tantas histórias, sabendo que muitos Eduardos, muitos Cristianos, muitas Jonalices, muitas Marias, muitos Josés, por esta Bahia afora tiveram em suas vidas a oportunidade de aprender e se fortalecer, como foi aqui colocado de tantas maneiras diferentes, da importância desse impacto, dessa construção, desse trato, dessa relação criada que permitiu que, em todas as gerações, as pessoas pudessem descobrir essa força que existe nelas e a possibilidade de construir um sertão justo, um semiárido justo, e vencer todas as ditaduras.

Acho que, nesse momento em que vivemos esse período tão difícil, é muito significativo, muito simbólico e muito importante para todos nós podermos, neste ano, lembrar a trajetória do MOC e entender que temos que ter a mesma disposição, beber dessa fonte, alimentar-nos dessa história exitosa e continuar enfrentando todas as dificuldades e acreditando que é possível, sim; porque a história do MOC confirma para a gente que depende de nós.

Então, nesta tarde, gostaria de desejar vida longa! Muita energia! E que tenhamos a responsabilidade histórica, que a gente siga o exemplo das pessoas que marcaram essa caminhada e que, certamente, também a gente possa perceber quantas sementes estão no meio de nós. E são essas sementes que haverão de frutificar e de nos levar à superação de todas essas dificuldades e continuarmos lutando para que essa experiência continue crescendo, continue se fortalecendo, construindo vida, garantindo direitos para as mulheres, para os agricultores familiares, para a juventude, para as crianças, para o homem e para a mulher do nosso querido semiárido.

Um grande abraço. Fora Temer! E a luta continua! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Obrigado, deputada!

Convido para fazer uso da palavra a Sr^a Célia Santos Firmo, representante do MOC. (Pausa) Desculpe-me, turma. (Pausa)

Leninha, é você. Para fazer uso da palavra a Sr^a Leninha, desculpe-me, representante do Fórum Baiano de Economia Solidária e do Armazém da Agricultura Familiar e Economia Solidária, lá de Serrinha, ela que faz com que essa turma boa vá vender seus produtos.

A Sr^a LENINHA:- Boa-tarde a todos e todas.

Primeiro quero saudar a Mesa, e dizer que é um prazer estar aqui, nesta Casa, para falar do MOC, parabenizar o MOC pelos seus 50 anos, e dizer que sem o MOC os empreendimentos que, hoje, fazem parte do Fórum de Economia Solidária, do Fórum Baiano de Agricultura Familiar, das redes existentes em nossa região, não fariam e não fazem o que nós conseguimos fazer hoje.

Se eu for falar do MOC, de quando eu conheci o MOC para chegar na economia solidária, vou começar a chorar aqui. Então, é melhor eu contar só os benefícios que o MOC trouxe para o nosso povo, enquanto economia solidária e agricultura familiar.

O MOC descobriu uma forma de fazer políticas públicas, fazer o reconhecimento de cada agricultor, cada agricultora, cada jovem, cada criança no semiárido, onde for que o MOC vá, levando o conhecimento, desenvolvimento e as políticas públicas que nós temos em nosso Estado e em nosso País, políticas públicas que, hoje, nós sabemos que estão sendo cortadas, levadas para outro caminho que não é o nosso, o que nós merecemos. Nós, enquanto mulheres, jovens e crianças necessitamos de uma política digna que traga o bem, o benefício para o povo brasileiro e para nossa comunidade.

O MOC desenvolve um trabalho junto à economia solidária, visando o empoderamento das mulheres, o reconhecimento delas em seus municípios, visando que elas deixem de ser submissas a seus maridos. Nós sabemos que, hoje, ainda existem muitas mulheres submissas aos seus maridos, que buscam cortar o desenvolvimento da mulher para que ela fique só esperando por eles. Nós sabemos que a mulher, hoje, não vive só disso, a mulher precisa se desenvolver. E o que o MOC faz para as mulheres e para a economia solidária de nossa região, a Região do Sisal, as regiões do Portal e da Bacia, é o desenvolvimento, o empoderamento das mulheres.

Se nós participamos de várias ações, de vários conselhos estaduais e federais, foi o MOC que nós empoderou para participarmos disso. Se hoje eu digo que faço parte do Conselho Nacional e do Conselho Estadual de Economia Solidária é porque o MOC me deu essa oportunidade, reconheceu que eu era capaz de estar nesses espaços, levando o conhecimento e o desenvolvimento que tratamos lá, no município.

Quando estamos em nossa região, fazendo as nossas atividades, e chega alguém que quer falar mal do MOC a gente sabe que é uma pessoa que não é da região, não é do município, que não conhece e não reconhece o que o MOC vem

fazendo, o que o MOC faz e sempre fará pela agricultura familiar e economia solidária.

Diante disso, eu só quero parabenizar o MOC e a Célia por todos os programas existentes no MOC. Eles não pensam neles, pensam no próximo, em como levar o melhor para a agricultura familiar e para a economia solidária, como desenvolver uma ação, uma política pública para melhorar a renda dessas pessoas, a renda dessas mulheres que vivem no Nordeste, no Sertão, que sabemos que é bem castigado.

Parabenizo também o Sr. Albertino, Neidson, por estar levando o nome do MOC tão longe, lá na China. Lá, ele não está levando só o nome do MOC, ele está levando o nome de cada um de nós que ficamos aqui, na Bahia, fazendo o trabalho dele.

Agradeço a todos, e parabéns MOC, mais 50 anos, ou 100 ou 200, levando desenvolvimento para a nossa Bahia.

Obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Convido para fazer uso da palavra o presidente do MOC, Sr. Jerônimo.

O Sr. JERÔNIMO RODRIGUES:- Muito “obrigado”. Não é erro, não; é propósito. Essa palavra que muitas vezes em que a gente usa a pessoa que ouve diz: não, nada de obrigação. Eu digo “obrigado” porque na matriz original, no latim, era exatamente assim. Dizia-se “obrigado” às pessoas que reconheciam laços estabelecidos, laços para valer, em que as pessoas, realmente, não tinham como voltar atrás, como se separarem, como se ignorarem ou, sobretudo, como querer estar acima de quem quer que seja.

“Obrigado”. Essa é a palavra de agradecimento do MOC.

Quando digo MOC eu não estou falando de uma pessoa que merece o culto, sobretudo se essa pessoa tivesse o culto de si própria. Estou falando de um MOC que é, antes de tudo, um movimento. Não é nem uma marcha, e Deus nos livre que fosse marcha. É um movimento. E um movimento não de ordens; nem ordens do dia, nem ordens da conveniência, dos jogos sórdidos na calada, na escuridão etc. E comunidades onde há, realmente, unidade, mas unidade que comungam, que partilham, que vive aquele espírito do mutirão tão próprio, tão característico da cultura sertaneja, o mutirão.

Acredito que também vai soar o alarmezinho para que eu não me estenda muito. Teria muita coisa a dizer. Comecei o dia hoje pensando: “Meu Pai, o que é que eu vou dizer?”. Então a primeira ideia que me veio foi a seguinte: a Bíblia é cheia de sonhos. Mas, aí, veio o freio: como é que eu vou dizer isso numa Assembleia de um Estado que é laico? Estou aqui surpreso porque está ali o Antigo Testamento, está ali Pentecostes, estão aqui outras figuras consagradamente da nossa experiência cristã, da nossa experiência religiosa, que não excluem. O Evangelho é feito para congregar. Mas, afinal de contas, é o Estado laico. Fui mexer com o meu grego e descobri que

laico não é nada mais do que o popular. Laos em grego é o povo. E, portanto, o laico é o retorno ao povo. É o entender que realmente o povo é que conta. Eu diria: mais do que os seus representantes. Mas aí me corrijo, porque nos meus 86 anos eu aprendi a desconfiar de qualquer um que diga “eu tenho um mandato”. Porque há pessoas que tomam a si o mandato. Não precisam que lhe sejam outorgado esse mandato.

Esta é a casa parlamentar. Aí me remete a Cícero, que diz o seguinte: “Nisso é que nos distinguimos grandemente dos animais, porque falamos, porque podemos nos comunicar”. As ideias, os sentimentos, os propósitos, esses é que são a grande arma que nós dispomos. Nós, humanos. E esta Casa é a casa da palavra, a casa parlamentar, a Casa em que as ideias devem se confrontar.

(Toca a sirene.)

E agora? Quebro o protocolo? Vou mais adiante? O que é que eu faço?

O Sr. PRESIDENTE (Gika):- Fique tranquilo. Pode falar, pois é uma aula pra gente.

O Sr. JERÔNIMO RODRIGUES:- Tudo bem.

Então eu comecei o dia pensando nisso: a Bíblia está cheia de sonhos. Aí me veio uma ideia que parece interessante. Quando Deus reparou que Adão estava macambúzio, não estava encontrando ninguém capaz de ser companheiro, de trocar com ele sentimentos, ideias, desejos etc. Quando Deus reparou nisso, como bom psicólogo, disse: “Não, o rapaz não pode ficar sozinho, não”. O que fez Deus, pela narrativa bíblica? Deu aquele sono invencível a Adão. Adão caiu no sono profundo. Hoje diríamos que Deus aplicou anestesia daquelas brabas, pois Ele iria fazer uma intervenção cirúrgica no coitado do Adão. Mas aquele sono de Adão seria um sono com pesadelos? Não. Eu acredito que seria um sono com sonhos. Então o sonhar... a história está toda cheia de sonhos. A nossa vida, a vida de cada um de nós é feita de sonhos. E, portanto, o que eu poderia dizer do MOC é que ele é um grande sonho. Foi um grande e continua sendo um grande sonho.

Albertino foi e continua sendo um sonhador. Ele continua a buscar aquilo que chamamos, também em grego, de utopia, ou seja, o lugar que não existe. Um lugar que vai existir na medida em que me ponho a caminho e tento construir isso que não foi dado, mas que depende da minha iniciativa, depende do que sempre marcou a história do MOC: o CAT, o conhecer, o agir e o transformar.

De qualquer maneira, vou concluir lembrando duas coisas. Primeiro: Ruy Barbosa, baiano. No final do Império, Dom Pedro II o chamou e disse: “Rapaz, você vai com uma equipe criar um projeto de reforma do ensino no Brasil, do ensino primário ao ensino universitário”. Ruy Barbosa não negou fogo, pôs-se a trabalho. Alguns anos depois, ele apresenta ao imperador o projeto. E o imperador, que não era um republicano, mas era um democrata, disse para o Ruy Barbosa: “Você vai ao Parlamento, apresente o projeto, porque são eles que podem transformar esse projeto em lei”. E foi o que Ruy Barbosa fez. Ele fez uma senhora apresentação, não poderia fazer menos. Mas, a certa altura, ele disse: “Senhores parlamentares, se vocês não tiverem fibra para investir seriamente, pesadamente, na educação, o meu conselho é que vocês não façam nada, porque de remendo já temos o bastante”. Ruy Barbosa.

E agora vou falar de outro baiano: Anísio Teixeira. Na 1ª Constituição pós-Getúlio, Anísio Teixeira foi chamado pela Assembleia do Estado da Bahia para fazer um pronunciamento sobre o projeto educacional dos novos tempos da democracia. E Anísio Teixeira compareceu. Anísio Teixeira lembrou duas coisas, que há dois males no Brasil: a gente tem palavras bonitas, discursos bonitos, mas na efetivação a gente nega fogo.

Portanto, é necessário que haja uma preparação em profundidade lá na raiz, que a escola pública seja uma escola que esteja presente onde está a comunidade. A comunidade não tem que se deslocar para buscar uma escola. A escola deve estar ali. (Palmas) E vocês com esses aplausos estão simplesmente dizendo: o MOC é exatamente isso. Então esse é um aspecto.

O outro aspecto é dizer o seguinte: quando falo ao MOC, às pessoas do MOC – e quando digo pessoas do MOC não são os técnicos, não é a administração. São todos aqueles que vestem a camisa desse movimento, de uma organização. Que seja uma organização de transformação e, portanto, comunitária. Pois bem, eu concluo lembrando o seguinte, porque é o pensamento que eu repito com certa frequência: o MOC está mostrando que é possível refundar a República. Não é afundar a República! Não é pregar um rótulo em qualquer garrafa, com qualquer conteúdo e dizer: isso aqui é uma República. Não. É refundar a República. Refundar a República e concretizar a independência.

Tivemos a celebração da Independência dias atrás. É uma celebração de quê? 2Quantos brasileiros são realmente independentes, lhes reconhecem o direito de ser independente? Portanto, nós estamos nesse caminho de uma concretização da independência. E quando eu olho para o sertão, eu leio um sertão justo mas leio também ser tão justo quanto qualquer valor que a gente imagine. Nesse sentido: refundação da República; concretização da independência; redescobrir o Brasil. Ou seja, cobrir o Brasil com a gente do Brasil. Nós já temos... estamos demonstrando com essa experiência do MOC que podemos, sim, ser gente, gente com autonomia, gente com propósito, gente capaz de solidariedade.

Então, o meu agradecimento é exatamente este: agradecer os 50 anos. Mas os 50 anos do MOC eu acho que já dão pelo menos uns 5 mil ou mais anos, porque cada idade daqueles que estão ou estiveram no MOC, aqueles jovens... é pouco tempo. Como diria... Ana Angélica, qual é aquele poeta que diz: “Se não fora para tão longo amor tão curta a vida”?

Então muito obrigado. Muito obrigado. E esse reconhecimento, reconhecimento público da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, recuperou aquela dignidade que nem sempre esteve brilhando, farol para toda esta Bahia, tão cheia de tradição, tão cheia de riqueza, tão cheia de sonhos.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Ouviremos a música “Vida Boa”.

(Apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Quero mandar um abraço ao presidente da Assembleia Legislativa da Bahia – ALBA, deputado Angelo Coronel, que será homenageado com a outorga do Título de Cidadão de Salvador. Vai ser agora, às 17 horas.

Quero agradecer também a todos os funcionários desta Casa, a todos que estão aqui presentes, que vieram homenagear estes 50 anos do MOC, aos meus assessores e assessoras, que fizeram com que esse evento fosse brilhante como está sendo. Agradeço a Fátima Nunes, a nossa deputada, companheira, guerreira, e também à nossa deputada Neusa Cadore e todos os deputados nesta Casa.

Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença das autoridades civis e militares, das Sr^{as} e Srs. Deputados, da imprensa, e declaro encerrada esta sessão. Vocês estão convidados para um *coffee break*, uma boquinha livre, é natural. É só alegria, como sempre digo, e peço a Deus que vocês tenham uma boa viagem, pois vieram de várias cidades aqui da nossa Bahia.

Deus abençoe a todos e vamos à luta! (Palmas.)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.